

*Patrística*

## Coleção PATRÍSTICA

---

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Soliloquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Exameirão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homílias sobre a Epístola aos Efésios, São João Crisóstomo*
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homília sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra Pastoral*, Gregório Magno
29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A)*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A)*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon
34. *Homílias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes

ORÍGENES

**HOMILIAS  
SOBRE O EVANGELHO DE LUCAS**



Título original: *Homiliae in evangelium Lucae*  
Tradução, introdução e notas: *Luís Carlos Lima Capinetti*  
Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Supervisão: *Heres Drian de Oliveira Freitas*  
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Revisão: *Tiago José Risi Leme*  
*Iranildo Bezerra Lopes*  
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*  
Capa: *Marcelo Campanhã*  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Orígenes

Homilias sobre o Evangelho de Lucas / Orígenes. – São Paulo: Paulus, 2016. – (Coleção Patrística)

ISBN 978-85-349-4275-1

1. Bíblia. N.T. Lucas, XII - Sermões 2. Espírito Santo 3. Homem - Origem - Sermões 4. Padres da Igreja primitiva I. Título. II. Série.

CDD-281.1

15-10598 -270

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja: Literatura cristã primitiva 281.1
2. Patrística 270

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4275-1

## APRESENTAÇÃO

*Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.*

*No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

*Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infundas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.*

*Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.*

*Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística”*

*para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).*

*Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras ve-*

*zes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo, Paulus, 1988, p. 21-22).*

*A Editora*



## INTRODUÇÃO

**A**s homilias de Orígenes sobre São Lucas que conhecemos nos foram transmitidas pela tradução latina de São Jerônimo, tendo restado do texto original grego apenas fragmentos. Nesta introdução, procuramos recompor o discurso parenético de Orígenes na referida obra, que a domina e que consiste na exortação à virtude. Pelo fato de o assunto das homilias ser o Evangelho de São Lucas, que, por si só, é essencialmente parenético, resulta que, por vezes, as referidas homilias nos cegam por tamanha evidência do gênero parenético de que se acha perpassado. No entanto, nosso esforço é o de descrição e análise, buscando um distanciamento que nos permita ver com clareza os aspectos da divindade de Cristo que a todos marca e lhe concede um lugar único na história do mundo, a partir de sua concepção virginal em Maria até suas peregrinações a Jerusalém.

### Orígenes

Em primeiro lugar, cabe responder à pergunta que se faria naturalmente sobre a figura do autor das Homilias sobre São Lucas.

Orígenes, cognominado Adamâncio, o homem de aço, ou de diamante, nasceu verossimilmente em Alexandria, de uma família cristã. Recebeu do pai Leônidas uma educação particularmente profunda, grega e bíblica. Mas quando, em

202, Leônidas sofreu o martírio, durante a perseguição de Septímio Severo, os bens da família foram confiscados. Alguns meses depois, Orígenes abriu uma escola de gramática (isto é, de literatura) para poder manter a mãe e seis irmãos menores; em seguida, o bispo Demétrio lhe confiou a formação dos catecúmenos, enquanto continuava a perseguição, com as intervenções dos prefeitos do Egito.

Por algum tempo, assumiu esse duplo ensino; depois, quando a família provavelmente prescindiu de seu auxílio, deixou de ensinar a cultura profana para dedicar-se inteiramente à catequese. Impelido pelo radicalismo de sua juventude, vende então os manuscritos em seu poder por uma quantia muito pequena, parecendo esse gesto indicar uma renúncia a tudo o que não fosse conhecimento de Deus; mas as exigências apostólicas obrigaram-no a retornar àquilo que havia abandonado, e, para aprofundar seus conhecimentos filosóficos, segue os cursos de Amônio Sacas, o pai do neoplatonismo. Devota-se então a uma vida extremamente austera e, tomando ao pé da letra o passo de Mt 19,12, mutila-se.

Tendo obtido grande êxito no ensino, confia a Héraclas a catequese propriamente dita, reservando para si os alunos mais desejosos de progredir e os contatos com heréticos e pagãos. Chegado aos trinta anos de idade, começa a escrever, estimulado a isso por Ambrósio, um homem rico de Alexandria, que da heresia valentiniana fora por ele reconduzido à ortodoxia. Ambrósio fora atraído pela gnose, enquanto não encontrava na Grande Igreja o alimento intelectual que desejava. Convertido por Orígenes, Ambrósio induzirá seu mestre a produzir aquilo que lhe faltara e porá à sua disposição meios consideráveis para poder trabalhar. Durante esse primeiro período, tendo morada habitual em

Alexandria, Orígenes fez muitas viagens: a Roma, onde parece ter ouvido uma pregação de Hipólito; a Cesareia da Palestina, onde o bispo Teoctisto, como Alexandre de Jerusalém, lhe dá o encargo de pregar, apesar de leigo, provocando o protesto de Demétrio; à Arábia Romana (Jordânia), chamado pelo governador; enfim, a Antioquia, conduzido com escolta militar, por Júlia Mameia, mãe do imperador Alexandre Severo, que desejava conhecer o cristianismo.

Por volta de 231, Orígenes é convidado pelos bispos da Acaia (Grécia) a ir a Atenas discutir com grupos de heréticos. Durante a viagem, passa por Cesareia da Palestina, onde Teoctisto e Alexandre o ordenam sacerdote. De volta a Alexandria, Demétrio, irritado por esta ordenação feita sem o requisito de sua aprovação, reuniu um concílio de bispos e sacerdotes que o exila no Egito; depois, Demétrio, sustentado por alguns bispos, declara-o suspenso de ordens. Orígenes, sentido, retira-se para Cesareia, onde é bem acolhido pelos amigos palestinos e onde, como em muitas outras províncias do Oriente, não se dá nenhuma importância à sentença de Demétrio. Orígenes volta a ensinar e nós conhecemos, pelo Discurso de agradecimento, que lhe dirige um aluno – aluno que, não obstante recentes contestações, persistimos em identificar com Gregório, o Taumaturgo –, as informações referentes a seu ensino naquela cidade: um tipo de escola que é mais uma espécie de curso de estudo “missionário” para jovens pagãos simpatizantes, dado com a intenção de apresentar a versão cristã dos problemas filosóficos, sem apresentar ainda a doutrina propriamente cristã.

Orígenes prega com frequência e, de suas pregações, temos acesso a numerosas homilias. Sua atividade literária

continua considerável, pois Ambrósio foi encontrar-se com ele em Cesareia, com estenógrafos e copistas. Viaja muito: a Atenas, onde inicia o *Comentário ao Cântico dos Cânticos*;<sup>1</sup> à Arábia (Jordânia), onde, durante um sínodo, reconduz à ortodoxia o bispo Berilo de Bostra e discute com um grupo de cristãos que afirmavam que a alma morre com o corpo e ressuscita com ele; a Nicomédia, onde dita a carta a Júlio Africano; à Capadócia, chamado pelo bispo Firmiliano. Talvez justamente na Arábia se realiza o pequeno concílio reunido em volta do bispo Heráclides; desse concílio foram descobertas, em 1941, as atas em Tura, no Egito.

A perseguição de Décio, em 250, põe bruscamente fim a essa atividade caudalosa e multiforme; preso e torturado, Orígenes proclama corajosamente sua fé. Não se deseja sua morte, mas sua apostasia, cujo efeito seria notável, do momento em que ele é, entre os cristãos de sua época, a figura mais relevante. A morte do imperador o reconduz à liberdade no decurso de alguns meses, mas com a saúde arruinada. Morre aos sessenta e nove anos completos, no ano de 254. Seu túmulo era ainda visível no século XIII, na igreja dita do Santo Sepulcro.<sup>2</sup>

Passemos à análise das *Homilias sobre São Lucas*.

### **As Homilias sobre o Evangelho de Lucas**

Em sua obra *Les origines de la diatribe romaine*, André Oltramare estabelece variadas noções sobre o controvertido tema da diatribe. E a parênese, objeto de nosso estudo, que os dicionários costumam apenas definir como “exortação

<sup>1</sup> A ser publicado proximamente nesta Coleção.

<sup>2</sup> Anotações colhidas em Di BERARDINO, *op. cit.*, 2002, p. 1045-6.

à virtude”,<sup>3</sup> encontra em sua tentativa de definição um importante esclarecimento, no que diz respeito a diversas modalidades que o discurso diatríbico encerra em si, como discurso moralizante popular.

O autor André Oltramare afirma que definir a diatribe é uma tarefa árdua e que a parênese é “filosoficamente inseparável” da diatribe (Oltramare, 1926, p. 9). Entre outras coisas, ressalta que traçar a história da diatribe é também traçar a “história da literatura moralizante popular”, elencar tendências da “vulgarização do diálogo filosófico”. Entre as vertentes filosóficas, cita os estoicos, os hedonistas, os cínicos, entre outros, e assinala os discípulos de Bión<sup>4</sup> como os primeiros propagandistas da literatura diatríbica.

Entre os caracteres formais mais evidentes da diatribe, encontramos presente o debate com um interlocutor fictício, que entendemos ser a figura do possível leitor, de sua época ou de épocas posteriores. Esse interlocutor é apostrofado veementemente pelo filósofo em seu discurso, que, entretanto, não tem sua personalidade definida ou, pelo menos, detectável a partir do próprio texto. O discurso também contém um adversário, ou então mais que um, representado por pronomes de terceira pessoa, como marcas de sujeito indeterminado ou sujeito oculto, o qual apresenta, no mesmo discurso, uma opinião vulgar que o mestre condenará.

<sup>3</sup> “Exortação moral. Etimol. *Paránesis*, eos: exortação, encorajamento, conselho, recomendação. HOUAISS (2008), p. 2134. O referido dicionário ainda traz o termo *parenética* (“eloquência religiosa”) e o adjetivo *parenético*.

<sup>4</sup> Filósofo grego (II-III século a.C.). Ele foi acolhido na corte de Antígona Gonatas, e morreu, acredita-se, em Cálcis, na Eubeia. Pertencia à escola cínica, e era célebre pelas sentenças agudas de seu espírito satírico. Foi acusado de ateísmo. Estobeu, entre outros, conservou-nos dele alguns fragmentos (LAROUSSE DU XX<sup>e</sup> SIÈCLE, 1928, 1<sup>o</sup> vol., p. 712).

Na maior parte das vezes, a objeção tímida deste serve para realçar as frases autoritárias do sábio. Disto, então, podemos concluir que o caráter dialógico se faz presente, condição que, ao longo dos tempos, revelou ser a condição primeira de toda literatura, não apenas em épocas recuadas, como o caso de Orígenes, que trataremos em seguida a este item, mas também em épocas posteriores.

A influência da retórica impregna o estilo diatríbico. Menedemo e Bíon foram importantes para que a diatribe se separasse definitivamente do diálogo e, sobretudo, do diálogo socrático, e estivesse dotada de todos os procedimentos retóricos. Assim, o estilo se torna florido e os procedimentos retóricos conferem ao diálogo uma aparência saltitante. O diatribista ataca seu adversário com grande quantidade de argumentos heterogêneos. As características mais importantes são o emprego de diminutivos, as citações de locuções populares e de provérbios, as metáforas, o paralelismo das frases, a conversão<sup>5</sup> e as hipérboles. As oposições verbais são muito importantes. À natureza se opõe a lei ou a opinião. Encontram-se muitas vezes grupos imutáveis de virtudes e vícios, de bens e males etc. Entre as figuras poéticas empregadas na diatribe, é importante citar a personificação das abstrações. Ocorre também a mescla do sério e do jocoso.

As *Homilias sobre o Evangelho de Lucas* (*Homiliae in Lucam*), de Orígenes, originalmente compostas em grego, no século III d.C., são-nos transmitidas pela tradução latina de São Jerônimo, datada do século IV d.C.

<sup>5</sup> Noção de lógica: existem as conversões simples, por limitação ou por acidente, por negação, por contraposição. Ex.: Todo homem é um animal racional. Todo animal racional é um homem (conversão simples).

Há que se ressaltar que, como obra vinculada ao cristianismo, traz a marca do aspecto polêmico, pela própria natureza do assunto. O prólogo da edição francesa da coleção “Sources Chrétiennes” enumera as diversas visões acerca da natureza de Cristo, refletindo estas o ceticismo acerca do seu nascimento, da concepção virginal no ventre de Maria, de sua corporalidade, da origem de sua incomparável sabedoria, dentre outros aspectos. O texto das homilias reflete sobre a leitura do Evangelho e explica-o aos cristãos de seu tempo, com o intuito de esclarecimento do conteúdo do texto de São Lucas e da Sagrada Escritura, de modo geral, que, muitas vezes, apresenta dificuldades inextricáveis para a compreensão de cristãos recém-convertidos e acostumados com os padrões e cânones literários da época clássica, da herança da filosofia grega antiga e da era helenística, para os quais a novidade do cristianismo é detectada segundo esse crivo crítico e, frequentemente, não assimila corretamente a complexidade da natureza de Cristo, de seu contexto histórico e cultural, bem como as implicações dos textos compostos sobre a vida e os atos de tão insigne personagem que é Jesus Cristo.

Nesse contexto de pós-classicismo na Grécia e em Roma, julgamos que seja natural que uma primeira tentativa de uma abordagem compreensiva da Escritura tenha resultado em interpretações destoantes da ortodoxia católica e que essas concepções sejam alvo da ação dos homens doutos e estudiosos da Bíblia, preocupados com a retidão da doutrina entre os novos cristãos, oriundos da cultura clássica greco-latina. Os hereges, desde sempre, são os alvos da ortodoxia, e rebelam-se continuamente. A ortodoxia, nesse momento, não tem a força do aparato judicial que terá no futuro, mas observamos certa virulência em potencial nas investidas do autor.

A tradução de São Jerônimo traz-nos trinta e nove homilias, redigidas em latim, tecendo reflexões sobre fragmentos do Evangelho de São Lucas. Após a explicação esmiuçada de determinada passagem, em que responde também a doutrinas heréticas de seu tempo, o autor volta-se ao leitor, para incutir-lhe uma reflexão resultante dessa exposição. Nesta, o autor propõe uma enfática admoestação para a sua vida, em sua busca de Cristo, com vistas ao implemento da sua relação com Cristo e com a Igreja, ao seu crescimento na devoção ao mistério cristão e tudo o que se relaciona a essa devoção, seja à Sagrada Família, ao culto a Maria, em suma, tudo o que se refere à vida cristã, de um modo geral. Desse modo, vislumbramos o conteúdo parenético das homilias, que, em si, já reflete sobre uma primeira parênese que é o texto evangélico, o qual busca ensinar a verdade sobre o Cristo, sendo, nesse sentido, parenético também.

A seguir, analisaremos textos e fragmentos de textos nos quais verificamos a pertinência da parênese, em particular de um texto de parênese cristã, como é o caso de Orígenes. Abaixo, citamos a definição do gênero homilia:

*A homilia e o sermo* qualificam uma composição oratória, uma peça destinada a ser proclamada. Esses dois gêneros de eloquência se distinguem da conversa espiritual, *consolatio* ou *colloquium*, de sabor ascético e místico. No nível semântico e filológico, essas distinções não devem ser generalizadas, nem estabelecidas de modo rígido (DiBERARDINO, 2002, p. 692).

Como a homilia é uma peça oratória, está calcada nas diversas injunções retóricas mencionadas anteriormente sobre a influência da arte retórica nas composições diatrínicas. Uma vez que a diatribe não constitui um gênero, e sim uma



tendência, um elenco de gêneros literários em que predominam algumas características de estilo e de procedimentos retóricos, a parênese – e, particularmente, a parênese cristã de Orígenes – seleciona alguns dos caracteres essenciais da diatribe, que são o predomínio do conteúdo moralizante popular, o ataque à doutrina dos adversários (no caso, os hereges ou os heresiarcas), o diálogo com um interlocutor fictício, as hipérboles, as metáforas, os paralelismos das frases, a estruturação do texto como se fosse um elenco de perguntas e respostas, as oposições verbais diversas como virtude e vício, bem e mal, pecado e graça etc.

No texto de Orígenes, há menção a heresias e seus respectivos heresiarcas, que aparecem como terceira pessoa, bem como a interpelação dirigida a uma segunda pessoa, com quem o orador trava um diálogo. Como as Homílias sobre São Lucas datam de uma época primitiva da história do cristianismo, o contexto de época ainda é o da disseminação do ideal cristão de vida, em contraste com a herança helenística, que oferece resistência cultural à nova religião, e com o contexto da Roma imperial, esvaziada de sua grande literatura, encontrando-se, por sua vez, mergulhada em um vazio de ideais e de sentido para a existência.

Vejamos como exemplo a Homília 17, que discorre, entre outras coisas, sobre a questão do sinal de contradição (Lc 2,34). Na edição das “Sources Chrésiennes”, encontramos a referida reflexão nos parágrafos 4 e 5. Ali Orígenes faz menção aos marcionitas (partidários de Marcião), aos ebionitas (partidários de um suposto fundador Ebião), aos docetistas (que inclui diversas tendências), a Metódio de Olimpo (discípulo de Orígenes).

Os marcionitas negam que o Pai Eterno, Pai de Jesus, tenha sido o mesmo que o do Antigo Testamento, que não

é o Pai benigno pregado por Jesus. Os ebionitas creem que Jesus é “um simples homem”, que nasceu de um homem e uma mulher, rejeitam a novidade da religião cristã pregada por São Paulo, vivendo segundo as antigas leis judaicas. Os docetistas rejeitavam a verdadeira humanidade de Jesus, com base na filosofia platônica. Metódio de Olimpo, discípulo de Orígenes, recusava várias de suas ideias, dentre elas a ressurreição de Jesus com um corpo glorioso. Assim, vejamos o texto latino e sua tradução:

4. Iste igitur *in ruinam et in resurrectionem multorum positus est in Israhel*,<sup>6</sup> hoc est in his, qui plena possunt acie et ratione conspiciere, et *in signum, cui contradicitur*.<sup>7</sup> Omnibus, quae narrat historia de Salvatore, contradicitur. Virgo mater est, signum est, cui contradicitur: Marcionitae contradicunt huic signo et aiunt penitus eum de muliere non esse generatum; Hebionitae contradicunt signo, dicentes ex viro et muliere ita natum esse, ut nos quoque nascimur. Habuit corpus humanum, et hoc signum est, cui contradicitur: alii enim dicunt eum venisse de caelis, alii tale, quale nos, corpus habuisse, ut per similitudinem corporis etiam nostra corpora redimeret a peccatis et daret nobis spem resurrectionis. Resurrexit a mortuis, et hoc signum est, cui contradicitur: quomodo resurrexit, utrum ipse et talis, qualis mortuus est, an certe in melioris substantiae corpus resurrexerit; [5.] et est infinita contentio, aliis dicentibus: fixuram clavorum Thomae monstravit in manibus suis, aliis e regione tractantibus: si idem corpus habuit, quomodo *clausis ingressus est ostiis et stetit*.<sup>8</sup> Vides igitur, quemadmodum argumentis variis etiam resurrectionis eius quaestio concitetur, et in signum, cui contradicitur. Ego et hoc, quod prophetarum ore praedictum

<sup>6</sup> Lc 2,34.

<sup>7</sup> Lc 2,34.

<sup>8</sup> Jo 20,26.

est, puto signum esse, cui contradicitur; sunt enim plures haeretici, qui asserunt eum a prophetis penitus non fuisse praedictum. Et quid me necesse est multa prosequi? Omnia, quae de eo narrat historia, signum est, cui contradicitur, non quo contradicant hi, qui credunt in eum – nos quippe omnia scimus vera esse, quae scripta sunt – sed quia apud incredulos universa, quae de eo scripta sunt, signum sit cui contradicitur.

4. Ele, portanto, “foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”,<sup>9</sup> isto é, daqueles que podem olhar com plena penetração e espiritualidade<sup>10</sup> e para o “sinal de contradição”.<sup>11</sup> A tudo é contradito o que narra a história do Salvador. Uma virgem é mãe, eis um sinal de contradição; os marcionitas<sup>12</sup> se opõem a esse sinal e afirmam com insistência que o Cristo não nasceu de uma mulher; os ebionitas<sup>13</sup> se opõem a esse sinal e dizem que ele nasceu de um homem e de uma mulher, como nós também nascemos. Teve um corpo humano, e esse sinal é de contradição: uns dizem que esse corpo veio do céu, outros que ele teve um corpo tal qual o nosso, para que, pela semelhança de corpo também pudesse redimir nossos corpos do pecado e dar-nos a esperança da ressurreição.<sup>14</sup> Ressurgiu dos mortos, e esse

<sup>9</sup> Lc 2,34.

<sup>10</sup> Segundo a etimologia, Israel significaria “ver Deus”, tendo ganhado outro sentido depois da luta de Jacó (Israel) com o anjo (Gn 32,29).

<sup>11</sup> Lc 2,34.

<sup>12</sup> Os marcionitas recusavam o Antigo Testamento, fonte na qual se acha presente a preparação para a vinda e o nascimento de Jesus, e seu nascimento carnal. Orígenes contesta tais teses e nos apresenta um Cristo que assume um corpo humano em Maria, fato que podemos sentir no texto que ora apresentamos.

<sup>13</sup> As características mais importantes desse grupo são: o fato de terem acolhido Jesus como “simples homem”, viviam segundo a lei judaica e rejeitaram Paulo (Di BERARDINO, 2002, p. 437).

<sup>14</sup> Os docetistas, ao contrário do que afirma Orígenes, desprezavam, com base em doutrinas platônicas, a verdadeira humanidade de Jesus, importantíssima para a salvação.

é um sinal de contradição: como ressuscitou? Ressuscitou com seu próprio corpo e tal qual morreu ou, sem dúvida, para um corpo formado de uma substância superior?<sup>15</sup> [5.] E é infinita a contestação, quando uns dizem: ele mostrou a chaga dos cravos nas suas mãos a Tomé; outros objetam, ao contrário: se ele retomou o mesmo corpo, como “ele entrou com as portas fechadas e se achou lá de pé”?<sup>16</sup> Tu vês, portanto, pela variedade dos argumentos, como a própria ressurreição levanta controvérsias e se torna sinal de contradição. Por minha parte, eu penso que também aquilo que foi predito pela boca dos profetas é sinal de contradição; existem, com efeito, vários hereges que afirmam que o Cristo não foi de modo algum anunciado pelos profetas. Aliás, que necessidade há de prosseguir muito longamente? Tudo o que narra a história sobre o Cristo é sinal de contradição; contradição não para aqueles que creem nele – porque nós sabemos que o que foi escrito é verdadeiro –, mas todas as coisas que sobre ele foram escritas, para os increus, é sinal de contradição.

O texto acima apresenta o debate do homiliasta com os hereges que são terceira pessoa, e aos quais contrapõe sua pregação sobre o Evangelho, instaurando uma leitura que corrige o erro e as interferências indevidas na interpretação do lugar que o Cristo representa no mundo, sua natureza, vida e ação entre os homens, paixão, morte e ressurreição. Dirigindo-se ao interlocutor de suas homilias (interpelação do pronome tu, segunda pessoa, sujeito de *vides*), o homiliasta lembra que o mundo está repleto de interpretações

<sup>15</sup> Metódio de Olimpo não aceitava as ideias de Orígenes – de quem fora discípulo – sobre a ressurreição da carne, dentre outras ideias. Segundo Orígenes, a segunda alternativa é a sua posição, segundo a qual Cristo ressuscitaria com um corpo glorioso.

<sup>16</sup> Jo 20,26.

que desviam o foco da verdadeira ação do Cristo que a todos conclama à virtude e à prática de seus ensinamentos. Ora, crer corretamente é olhar com a devida atenção para aquele que, a todo momento, interpela os homens para a prática do bem, para o afastamento dos vícios e mazelas da civilização pagã, assim como Jesus denunciava o afastamento do espírito da Lei e a degradação dos filhos de Israel, no seio da cultura judaica helenizada de seu tempo.

Ainda na mesma homilia, discorre sobre a profecia de Ana, que se casou uma única vez. Esse fato é posto em evidência pelo homiliasta. Em franca oposição à civilização contemporânea e a seus costumes liberais, como era o caso das civilizações pagãs, e também como “sinal de contradição”, ele apregoa que a perfeição da vida cristã requer que a pessoa se case uma única vez, para que uma segunda ou terceira união não soe como satisfação dos desejos carnisais, quando seria desejável uma única união:

Puto enim monogamum et virginem et eum, qui in castimonia perseveret, esse de ecclesia Dei, eum vero, qui sit digamus, licet bonam habuerit conversationem et ceteris virtutibus polleat, tamen non esse de ecclesia et de eo numero, qui non habet rugam aut maculam,<sup>17</sup> aut quid istiusmodi, sed esse de secundo gradu et de his, qui invocant nomen Domini,<sup>18</sup> et qui salvantur quidem in nomine Iesu Christi, nequaquam tamen coronantur ab eo: *cui est gloria et imperium in saecula saeculorum. Amen.*<sup>19</sup>

Eu penso, com efeito, que aquele que se casou apenas uma vez, o que permaneceu virgem e o que perseverou na casti-

<sup>17</sup> Cf. Ef 5,27.

<sup>18</sup> Cf. 1Cor 1,2.

<sup>19</sup> 1Pd 4,11.

dade, faz parte da Igreja de Deus; mas o que se casou duas vezes, ainda que tenha tido boa conduta e se exceda em outras virtudes, não faz parte, porém, da Igreja e do número que não tem nem ruga nem mancha,<sup>20</sup> nem nenhum defeito desse tipo, mas ele é colocado na segunda posição e dentre aqueles que “invocam o nome do Senhor”,<sup>21</sup> e que são evidentemente salvos em nome de Jesus Cristo, sem serem, entretanto, coroados por ele, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.<sup>22</sup>

Na composição da homilia citada, verificamos no texto latino a repetição de vocábulos, como o verbo *contradicere*, que aparece diversas vezes como na reiteração da expressão *signum est cui contradicitur*, que traduzimos como “é sinal de contradição”. A enumeração dos exemplos e a reiteração da expressão destacada incute na mente do leitor uma evidência que se quer demonstrar e ver assimilada, como parte do elemento de persuasão do discurso parenético, aquele que tem por finalidade induzir o leitor à virtude da vida de Cristo, narrada por Lucas e representada na homilia de Orígenes.

Concluindo esta introdução, podemos afirmar, a partir de nossa exposição, que as homilias de Orígenes são peças de oratória sacra em que abundam os aspectos da parênese, que é a exortação à virtude. Vimos que o gênero da homilia integra as definições de diatribe propostas por André Oltramare, na obra citada desse autor, e que, como tal, tem os aspectos retóricos característicos da diatribe, como o diálogo com o leitor de seu tempo, a condenação das heresias de época, a reiteração como procedimento de persuasão, e

<sup>20</sup> Cf. Ef 5,27.

<sup>21</sup> Cf. 1Cor 1,2.

<sup>22</sup> 1Pd 4,11.

não contempla, como a diatribe pagã, a mescla do sério e do jocoso, salientando apenas a seriedade.

Há que se observar que o texto é rico em camadas de discurso parenético. A começar pela vida de Jesus, que marcou um singularíssimo lugar na história da humanidade. Todas as suas ações e ensinamentos tiveram testemunhas oculares e testemunhos documentais inequívocos, que reiteraram a sua virtude, e o ensinamento perfeito da virtude pelo amor que inspirou aos homens, seus contemporâneos e seguidores ao longo dos séculos. Em seguida, temos o Evangelho de Lucas, narrado por um dos companheiros de São Paulo, médico de ofício e que conheceu muito proximamente a pessoa que mais sabia sobre a vida do Cristo, que foi Maria. Seu Evangelho retrata fielmente essas fontes da vida de Jesus. Finalmente, temos Orígenes, segundo a tradução de São Jerônimo, que nos faz refletir sobre a virtude de Jesus e seus ensinamentos que a refletem, seguindo o roteiro de São Lucas.

As trinta e nove homilias nos fazem percorrer, com suas reflexões, o itinerário da vida de Cristo, a partir de suas origens. Nesta introdução, apontamos apenas alguns aspectos mais relevantes do pensamento de Orígenes em suas relações com o seu momento histórico e cultural, no embate com as heresias de seu tempo. Mas a obra, em seu todo, é instigante, pelo que nos propicia quanto ao desvendamento dos sentidos intrincados do texto bíblico. Com essas homilias, é possível uma imersão no universo da Sagrada Escritura, com a iniciação aos seus mistérios que vemos se desvelarem pelo verbo e pela ciência de Orígenes, mediados pela tradução de São Jerônimo.





## PRÓLOGO DA TRADUÇÃO DE SÃO JERÔNIMO

*Inicia-se o prólogo do bem-aventurado presbítero Jerônimo para as homilias de Orígenes sobre o evangelista Lucas*

### Jerônimo a Paula e Eustóquia,<sup>1</sup>

**H**á alguns dias, vós dissestes que havíeis lido certos comentários sobre [São] Mateus e [São] Lucas, um dos quais seria embotado tanto no pensamento quanto no estilo,<sup>2</sup> o outro jogaria com as palavras, ao passo que

<sup>1</sup> Paula (347-404), da nobre família romana dos Fúrio Camilo, foi esposa do também nobre senador Toxocio Júlio. Após a morte de seu marido, integrou um grupo de piedosas matronas romanas. Deixou seus bens para os filhos (Blesila, Paulina, Eustóquia, Rufina e Toxócio) e para os pobres. Após algumas viagens, estabeleceu-se em Belém e fundou uma hospedaria para peregrinos, um mosteiro feminino e outro masculino. Auxiliou Jerônimo em suas atividades de tradução. Eustóquia (antes de 370-419), ou Eustóquio, terceira filha de Paula e Toxócio, acompanhou a mãe em seu retiro no Oriente e em suas atividades com Jerônimo, que lhe dedicou a *Ep.* 22 (tratado sobre a virgindade). Ambas são contadas no hagiolégio ortodoxo e católico, latino e oriental. Ótima fonte para a biografia de Paula é a *Ep.* 108 de Jerônimo, escrita por ocasião da morte da referida matrona. (As notas, neste *Prólogo*, são do supervisor da coleção.)

<sup>2</sup> Possível referência aos *Commentarii in evangelia* de Fortunaciano de Aquileia († 361), que Jerônimo descreve (em 392-393) como escritos “com um discurso parco e [de estilo] rústico” (*De viris illustribus* 97), embora, ao pedi-los (por volta de 374) ao ancião Paulo de Concordia, tivesse designado esses mesmos *Commentarii* como “pérola [...], palavras puras, como prata extraída da terra e purificada” (cf. *Ep.* 10,3). Esse elogio inicial ao texto de Fortunaciano, que parece anterior a sua leitura, talvez não fosse senão algo como que *captatio benevolentiae* em vista da obtenção do manuscrito. Após sua leitura, porém, em vista da preparação também de seus *Commentarii in evangelium Matthaei* (cf. *Praefatio* a esses mesmos comentários), o Estridonense pôde avaliar a obra do bispo de Aquileia. Isso explicaria a “mudança” de opinião de Jerônimo, já que os textos não permitem explicá-la de outro modo.

cochilaria em suas ideias.<sup>3</sup> Por essa razão, pedistes, desprezando semelhantes frivolidades, que eu traduzisse pelo menos as trinta e nove<sup>4</sup> homilias, sobre [São] Lucas, de

Para conhecimento dos fragmentos (é tudo o que chegou até nós) da referida obra de Fortunaciano, veja-se CCL 9,365-370. Sobre Fortunaciano, veja-se C. KANNENGISSER, *Handbook of Patristic Exegesis. The Bible in Ancient Christianity*, Leiden: Brill, 2006, p. 1035-1036, que explica (p. 1035) o contexto da pregação de Fortunaciano, e, de certo modo, confirma a opinião expressa por Jerônimo em seu *De viris illustribus* 97.

<sup>3</sup> Em se tratando de raridade, no período patrístico, os comentários a Lucas só perdem para os comentários a Marcos, praticamente inexistentes. De fato, somente quatro comentários a Lucas chegaram até nós: os que temos em mãos, de Orígenes, datáveis entre 233-244, e traduzidos por Jerônimo entre 390-392; os de Ambrósio de Milão (339-397); os de Cirilo de Alexandria (375-444), compostos em grego, mas que sobreviveram somente em sua versão siríaca; e os do Venerável Beda (673-735). Somem-se a esses alguns fragmentos dos de Tito de Bostra (+378). Talvez até o livro 4, do *Adversus Marcionem* de Tertuliano pudesse ser incluído nessa lista (cf. C. H. TALBERT, "The Gospel of Luke", em J. H. HAYES (ed.), *Dictionary of Biblical Interpretation*, 2 vol., Nashville: Abingdon Press, 1999, vol. 2, p. 99). Não é absurdo pensar que, se tão poucos chegaram até nós, poucos houvesse, embora com algum acréscimo aos textos que se acaba de referir, no período patrístico. Se Jerônimo emite a opinião a que se refere esta nota em relação ao comentário ao Evangelho de Lucas, ainda que devamos considerar a existência de mais de cinco ou seis deles, é possível que se refira a Ambrósio. Em 381, o Mediolanense publicou seu *De spiritu sancto*, marcadamente inspirado na obra homônima de Dídimo, o Cego. Jerônimo, alguns anos depois (387), tendo lido a obra ambrosiana, traduz e publica a referida obra de Dídimo, atacando Ambrósio sem o nominar (cf. Jerônimo, *Praef.* a sua tradução do *De spiritu sancto* de Dídimo [PL 23,108]. Veja-se também, ainda a esse respeito, Rufino, *Apologia* 2,25 [PL 21,603-604], e a nota 7, abaixo. Note-se que também a tradução jeronimiana da obra que temos em mãos ocorre imediatamente em seguida à publicação da *Expositio evangelii secundum Luccam* (390/391) de Ambrósio, muito dependente, particularmente em seus dois primeiros livros, das homilias origenianas sobre Lucas.

<sup>4</sup> É provável que Orígenes tenha feito mais de 39 exposições sobre o Evangelho de Lucas (cf. PG 13,1799, n. 91), talvez mais de 150 (cf. H. OLIPHANT, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church. 1: The Biblical Period*, Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 321). De fato, Orígenes mesmo menciona duas homilias sobre Lucas que não se encontram entre as 39 traduzidas por Jerônimo: uma sobre Lc 15,4-7 (cf. *Commentaria in evangelium secundum Matthaeum* 13,29 [PG 13,1173A]) e outra sobre Lc 14,16-24 (*Commentaria in evangelium Iohannis* 32,2 [PG 14,741A]). Isso, porém, não permite pensar que Jerônimo tenha feito recortes em sua tradução, já que afirma traduzi-las "tal como se encontram em grego" ("sicut

nosso caro Adamâncio, tal como se encontram em grego – tarefa desagradável esta e similar a um tormento escrever, como diz Túlio [Cícero], segundo o gosto alheio, e não o seu próprio,<sup>5</sup> a qual agora mesmo, porém, por causa disso, eu empreenderei porque não me exigis algo acima da minha capacidade. Outrora em Roma, nossa santa amiga Blesila havia solicitado que eu entregasse aos leitores de nossa língua os vinte e seis tomos de Orígenes sobre [São] Mateus, e outros cinco sobre [São] Lucas, e os trinta e dois sobre [São] João, mas sabeis que isso não estava ao alcance de minhas forças, nem de meu tempo disponível, nem de minhas possibilidades de trabalho. Eis o quão grande é, junto a mim, vossa influência e vontade! Eu pus um pouco de lado os livros das *Questões Hebraicas*, para que, para seguir vosso arbítrio, eu pudesse ditar estas páginas, quaisquer que sejam, de uma obra tão proveitosa que não é minha, mas alheia, principalmente quando ouço o crocitar de um corvo de mau agouro, que se ri de modo estranho das cores de todas as aves, quando ele próprio é inteiramente tenebroso.<sup>6</sup> E assim confesso, antes que aquele indivíduo me faça suas críticas, que Orígenes, nestes tratados, brinca de

in Graeco habentur”). É provável, então, dando crédito ao Estridonense, que nos sécs. IV-V, estas 39 homilias já circulassem, com alguma perda, como o texto das homilias origenianas a Lucas. Outro argumento a favor disso, embora (talvez) inferior, é o uso ambrosiano das homilias de Orígenes. Ao compor seu comentário a Lucas, Ambrósio serviu-se amplamente, sobremaneira nos dois primeiros livros, do comentário de Orígenes; e, talvez, ele se tivesse servido mais do comentário do Alexandrino se o número de suas homilias fosse superior a 39. Para detalhes, e outras questões acerca destas homilias, veja-se a introdução de H.-J. SIEBEN, *Origenes. Homilien zum Lukasevangelium*, 2 vol., Freiburg: Herder, 1991-1992, vol. 1, p. 7-53.

<sup>5</sup> Cf. CÍCERO, *Ep.* 127,2.

<sup>6</sup> Segundo Rufino de Aquileia (*Apologia* 2,23-24 [PL 21,602-603]), Jerônimo, aqui, refere-se a Ambrósio. Acerca de Ambrósio “sob a mira” de Jerônimo, veja-se também, acima, nota 4.

dados como um menino. As outras obras de sua maturidade e velhice são totalmente sérias.<sup>7</sup>

Se me aprouver, se eu tiver a possibilidade, se o Senhor me der a licença para que eu verta para a língua latina estas obras acima, e se eu tiver arrematado a obra anteriormente deixada de lado, então podereis ver, ou melhor, através de vós a língua romana conhecerá quanta riqueza não só até aqui ignorou, tanto quanto ela agora começará a conhecer. Além disso, eu me dispus a enviar-vos em alguns dias os comentários que publicaram sobre [São] Mateus, um de Hilário, escritor eloquentíssimo e o outro do bem-aventurado mártir Vitorino, cada um em estilo diverso, mas sob a inspiração única do Espírito Santo, para que não ignoreis quanto empenho pelas Sagradas Escrituras outrora houve também em nossos companheiros.

Aqui termina o prólogo. Começam as homilias de Orígenes sobre São Lucas em número de trinta e nove, vertidas para o latim por Eusébio Jerônimo, proferidas aos domingos.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Contrariamente à opinião de Jerônimo, os estudiosos contemporâneos tendem a afirmar maior cautela nas obras de Orígenes, conforme avançava em idade. A esse respeito, bem como acerca de sua pregação, vejam-se TORJESSEN, K. J., *Hermeneutical Procedure and Theological Method in Origen's Exegesis*, Berlim: De Gruyter, 1986 [Patristische Texte und Studien 28], e J. LIENHARDT, "Origen as homilist", em D. G. HUNTER (ed.), *Preaching in the Patristic Age: Studies in Honor of Walter J. Burghardt, S.J.*, New York: Paulist Press, 1989, p. 36-52.

<sup>8</sup> Contrariamente à nota do *Incipit* das homilias, essas podem ter sido fruto de pregação diária (cf. H.-J. SIEBEN, *op. cit.*, vol. 1, p. 13-14).